



Editorial

Os Organizadores

Prezadas leitoras, prezados leitores!

É com muita honra e com muita satisfação que abrimos o volume 5, número 1, 2019, de *ECO-REBEL* com o texto "A nova linguística do sistema: por uma linguística ecossistêmica", de Hans Strohner, infelizmente já falecido (em 2006). Como se vê já no título, ele foi o primeiro a usar a expressão "linguística ecossistêmica" por escrito (em 1996). Foi um dos primeiros, se não o primeiro, a falar em metodologia em ecolinguística. Trata-se, como se vê, de um texto clássico na curta história da ecolinguística. O artigo saía originalmente em alemão em *Sprachökologie und Ökolinquistik* (Tübingen: Stauffenburg, 1996, org. por Alwin Fill). Ele está publicado aqui com autorização do organizador da coletânea.

Em seguida vem o artigo "Promoting Critical Literacy: The Case of Promotional Materials for Burgers", de George M Jacobs & Denise Dillon. Os autores explicam o conceito de letramento crítico, que deve ser incluído no ensino de línguas e como fazê-lo, mediante um projeto piloto de análise crítica de material de propaganda de sanduíches de carne de animais assassinados comparados aos oriundos de plantas. Tudo isso visando a fazer do mundo um lugar melhor.

O terceiro artigo é "Ideas like deer: An ecolinguistic analysis of similes in four nature books", de Zahra Kordjazi. O objetivo principal é mostrar a importância dos símiles no uso linguístico, sobretudo em textos sobre a natureza, como um modo de pensar sobre entidades vivas. O texto fala também do papel dos símiles no ensino/aprendizagem de língua estrangeira. Eles podem ajudar na conscientização sobre a depredação da natureza e na melhoria da própria aprendizagem.

ECO-REBEL

Como prometido no Editorial do número anterior, a propósito do artigo de Konstantin Derzhavin, reproduzimos como quarto texto "A língua francesa antes e depois da Revolução", de Paul Lafargue (1842-1911), genro de Karl Marx. Apesar de ter sido publicado em 1894, ele é interessante por pelo menos quatro motivos. Primeiro, por falar de um movimento importante na história mundial, a Revolução Francesa (1789-1799). Segundo, por mostrar um pouco do que aconteceu com a língua francesa nesse processo. Terceiro por discutir as relações entre a língua e seus meios ambientes social e natural. Quarto, por mostrar que a língua é dinâmica, está sempre se adaptando às novas circunstâncias de seus falantes. O autor começa salientando a visão de língua como organismo que nasce, cresce e morre, e está sempre evoluindo (para se adaptar). Discute bastante pormenorizadamente as tentativas de monitorar a língua para atender os desejos do poder no momento, sobretudo no nível lexical. A maior parte das inovações se deu nesse nível, frequentemente mediante afixação, como *democratizar*, *moralizar*, *centralizar*, *republicanizar*, *desmoralizar*, *desgasconizar*, *destiarar* (de tiara) "desprontificar" (*déprêtiser*), "desassinatura" (*désabonnement*), *legiferar*, *domesticar*, *educar*, *fanfarrear*, *impressionar*, *gestar* etc. Entraram também substantivos e adjetivos, a exemplo de *deputação*, *civismo*, *incivismo*, *propaganda*, *flagelador*, *tiranicida*, *legicida*, *liberticida*, *jornalismo*, *ingovernável*, *burocracia*, *negricida*, *especulador*, *terrorismo*, *terrorista*, *vandalismo* etc. Como se viu nessa pequena amostra, a maioria das inovações entraram também no português, mais um motivo a justificar a reprodução do artigo em tradução portuguesa mais de um século após a publicação original (*L'Ere nouvelle* 1894). Enfim, trata-se de um texto de alto interesse para a linguística ecossistêmica.

O quinto artigo, "Ecologia lingüística no ecossistema catalanófono: breve histórico", de Pere Comellas-Casanova, mostra que a ecolinguística nasceu no seio da sociolinguística na Catalunha há já muito tempo, utilizando conceitos como "ecossistema", "emergência", lutando contra as concepções mecânicas e analíticas e propugnando por uma perspectiva holística. Enfim, adotam-se algumas propostas da ecologia, tais como "conservação" e "diversofilia". Faz-se uso também da teoria da catástrofe e se empregam analogias ecológicas na análise de discurso. Ver minirresenha do livro de Carme Junyent mencionada mais abaixo.

O texto "Linguística Ambiental", o sexto, de Hildo H. do Couto, tenta mostrar que no seio da própria ecolinguística (linguística ecossistêmica) é possível falar-se de questões

ECO-REBEL

ambientais. Salienta que esse não é o único objetivo da ecolinguística em geral, que deve levar consideração a linguagem de uma perspectiva holística. A linguística ambiental é apenas uma das perspectivas a partir das quais se pode estudar a linguagem. Aliás, mais de 80% dos ecolinguistas europeus a praticam, mas usando o rótulo geral "ecolinguística". Ora, isso pode ser feito a partir de qualquer perspectiva (sociológica, psicológica, geográfica, literária, filosófica etc.). A linguística ecossistêmica faz isso também, mas não só. Ela é um ponto de vista unificado para se estudar a língua sob qualquer um dos aspectos que ela possa apresentar.

O sétimo e último artigo, "Para compreender o meio ambiente mental: Anotações de um ecolinguista sobre o cérebro", de Genis Frederico Schmaltz Neto, trata da espinhosa questão do ecossistema mental da língua, mostrando que ele não se desvincula do social nem do natural. Trata-se de uma das poucas tentativas de investigar esse ecossistema da língua e respectivo meio ambiente mental. Em *ECO-REBEL* v. 3, n. 1, 2017, há o texto "Mapa mental", que trata de um assunto correlato. As representações da chamada "linguística neurocognitiva" se aproximam do que diz este artigo. Há muitas informações sobre ela aqui: <http://www.ruf.rice.edu/~lngbrain/main.htm> (19/01/1019).

Este número de *ECO-REBEL* contém uma resenha do livro *Clean meat*, de Paul Shapiro, feita por George Jacobs, da James Cook University, Cingapura. O livro fala da produção de carne sem devastar grandes extensões de terra para pastagem e sem sacrifício de animais. Concordemos ou não, é um assunto que os ecologistas precisam considerar. Para facilitar acesso aos que têm dificuldades com o inglês, apresentamos um resumo da resenha em português, com tradução de Francisco Gomes de Matos (Professor Emérito da UFPE e Presidente do Conselho da ABA Global Education, Recife), que acrescentou o seguinte: "Eu traduziria CLEAN MEAT como equivalente a CARNE PURA"; "Será que os leitores de nossa revista estão cientes que, em vários filmes (principalmente americanos), nos Créditos aparece uma informação de que "nenhum animal sofreu maltrato ou foi morto na filmagem" e que a Humane Society (Sociedade Protetora de Animais) monitorou essa condição?" Enfim, não é usual haver **Abstract** e **Resumo** de resenhas, mas, devido à novidade discutida no livro resenhado, achamos de bom alvitre incluí-los, facilitando aos leitores de língua portuguesa o acesso pelo menos a parte da informação.

Em seguida, vem uma miniresenha do livro *Contra la planificació: una proposta ecolingüística*, da ecolinguista catalã Carme Junyent. Aliás, a autora já usara a palavra

ECO-REBEL

“ecolinguística” no título de um livro (*Les llengües del món: Ecolingüística*, 1989), quatro anos antes do aparecimento do primeiro manual de introdução à disciplina em 1993, como mostra o artigo do também catalão Pere Comellas neste número de *ECO-REBEL*.

Por fim, vem uma entrevista com Francisco Gomes de Matos, um dos primeiros a falar em ecolinguística no Brasil. *ECO-REBEL* v. 1, n. 1, 2015 contém um miniartigo dele.

Boa leitura a todas e a todos!

ECOLINGÜÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 5, n. 1, 2019.